

LAUREN LAYNE

MAIS QUE

AMIGOS

**TRADUÇÃO
ALEXANDRE BOIDE**

**PA
RA
LE
IA**

Copyright © 2015 by Lauren LeDonne

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Blurred Lines

CAPA Marina Avila

FOTO DE CAPA g-stockstudio/ iStock

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Adriana Bairrada e Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Layne, Lauren

Mais que amigos / Lauren Layne ; tradução Alexandre Boide. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2018.

Título original: Blurred Lines.

ISBN 978-85-8439-107-3

1. Ficção norte-americana I. Título.

18-12738

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

MAIS QUE AMIGOS

PARKER

No segundo ano do ensino médio, fiquei amiga de uma menina chamada Korie Hamilton.

Ela até que era legal.

Exagerava um pouco no delineador roxo, não parava de falar e dizia “tipo” toda hora, mas fazíamos as mesmas aulas do primeiro semestre, então a amizade meio que veio por inércia.

Enfim, Korie sempre dizia que seu melhor amigo no mundo todo era Stephen Daniels, um garoto que conhecera quatro semanas antes de promovê-lo a esse status.

Era, *tipo, aimeudeus, a melhor coisa do mundo* ter um cara com quem conversar sem as complicações que vêm com o envolvimento romântico.

Sei.

É verdade que melhores amigos de verdade não conseguem passar mais de duas horas sem mencionar o nome um do outro, mas Korie arrumava um jeito de mencionar Stephen a cada duas frases.

Não era “só amizade” nada.

Acho que a relação deles foi mesmo platônica por um tempo. Stephen tinha uma namorada chamada Libby Tittles ou qualquer coisa do tipo, e Korie vivia indo e voltando com o namorado do tempo do fundamental.

Mas qualquer um que já tenha visto um filme ou um programa de tv, ou que possua um conhecimento básico das formas de interação humana, sabia exatamente para onde Korie e Stephen estavam se encaminhando: para a terra da pegação.

Apesar de Korie jurar que não gostava dele “daquele jeito”, os dois já estavam solteiríssimos no feriado de Ação de Graças daquele ano.

No recesso de fim de ano, Korie não estava mais tão ocupada falando “tipo” o tempo todo. Por quê? Porque a língua de Stephen estava dentro da boca dela antes da aula, depois da aula e nos fins de semana.

Mas todo mundo sabe como isso acaba, certo? Alguns meses depois, Korie e Stephen não só não eram mais um casal como nem chegavam perto de ser “melhores amigos”.

O rápido romance e o rompimento que se seguiu quase não provocaram fofocas na escola, mas gosto de pensar que todos aprendemos uma boa lição:

Garotos e garotas não conseguem ser só amigos. Ou pelo menos não melhores amigos.

As coisas acabam se complicando.

Agora vamos avançar alguns anos na história...

Aos vinte e quatro anos, tenho um anúncio de utilidade pública a fazer: eu estava errada.

Garotos e garotas podem, *sim*, ser melhores amigos.

Dá para ter um relacionamento platônico com um cara sem qualquer desejo romântico, fantasia sexual e tentativas fúteis de esconder a dor do amor não correspondido com declarações ingênuas como “eu não gosto dele desse jeito”.

Como é que eu sei disso? Como sei que homens e mulheres podem ser melhores amigos sem qualquer envolvimento romântico?

Porque sou o lado feminino dessa equação há seis anos.

Seis *anos*.

!

História verídica:

Ben Olsen e eu nos conhecemos nas férias de verão anteriores ao nosso primeiro ano na Universidade do Oregon, durante a recepção aos calouros. Fomos colocados no mesmo grupo em uma dessas atividades tenebrosas para quebrar o gelo, em que se gruda um papelzinho na testa e tenta adivinhar qual animal somos ou coisa do tipo. Então a coisa...

Rolou?

Não sei por que desde o começo foi algo meio “você é legal, mas não vai rolar nada entre nós”, mas foi.

Talvez porque eu já estivesse de olho em outro cara do grupo. Ou talvez porque meus ovários me avisaram que a beleza absurda de Ben em algum momento partiria meu coração. De qualquer maneira, fizemos o impossível.

Viramos melhores amigos.

E, sim, todas as minhas amigas me deram o mesmo aviso que eu dera a Korie Hamilton antes: “Isso não vai dar certo”.

As meninas não tinham uma visão unânime de como as coisas iam mudar entre nós, mas estavam certas de que ia acontecer.

Uma parte delas achava que Ben e eu éramos almas gêmeas e só estávamos curtindo um pouco antes de casar e ter filhos.

Outra parte achava que íamos acabar bebendo demais uma noite, dar uma trepada horrível e depois cortar relações de uma vez por todas.

Ben e eu provamos que todas estavam erradas quando o primeiro ano de faculdade acabou e nossa amizade continuou inabalável. No segundo ano, a história se repetiu.

No terceiro, a coisa ficou séria de verdade. Estávamos mais próximos que nunca, passando inclusive a *morar na mesma casa*. Aconteceu meio que por acaso, quando uma das pessoas que iam dividir com ele desistiu de última hora. Eu me dei conta de que não ia aguentar a comida do alojamento por mais um ano, então fui morar lá. E deu certo. De modo que, no ano seguinte, repetimos a dose.

E aqui estamos nós, dois anos depois da formatura, ainda morando sob o mesmo teto. Só não é mais a casa caindo aos pedaços perto do campus em Eugene, e sim em um imóvel de dois quartos em Northwest, Portland.

E sim, tudo continua platônico como antes, sem nenhum sinal de mudança no ar. Sou apaixonadíssima por Lance Myers, com quem estou há cinco anos, e Ben...

Ben está em uma impressionante missão de tentar seduzir toda a população feminina do oeste do Oregon.

“Vocês têm leite?”

Ah, lá vamos nós... a bola da vez. Levanto os olhos e vejo uma loira alta e magra parada na porta da cozinha.

“Leite?”, ela repete.

Dou mais uma colherada no cereal, me segurando para não olhar ironicamente para a tigela com *leite*. Óbvio que temos.

“Na geladeira”, digo com um sorriso simpático. Ela retribui, e covinhas profundas se formam em suas bochechas. Dá para entender por que Ben se interessou por ela.

A garota passa pela mesa e vai até a geladeira. Faço uma careta quando vejo a expressão CABEÇA-OCA estampada em sua calça azul-clara. Sério?

A cabeça-oca pelo jeito esqueceu que queria leite, porque pega uma das latas de café gelado da Starbucks que mantenho estocadas para as manhãs de segunda-feira em que preciso de uma energia extra, o que *sempre* acontece, porque, bom, existe dia pior que segunda?

Sem pedir, ela abre a lata e dá um gole, o que é um pouco irritante, mas nunca fui de desperdiçar energia implicando com coisas bobas, então deixo quieto.

“Meu nome é Parker”, me apresento.

“Liz. Você namora o cara com quem Ben divide este lugar?”

Considerando que sei que Liz é apenas mais uma na longa lista de transas de uma noite só, “namorar” parece um termo bem animado. Como sabe que não sou só mais uma, como ela mesma?

Mas não faço nenhum comentário a respeito.

Afinal, o que ela deveria perguntar? *Você também ficou bêbada e dormiu com um cara que mal conhece?*

Além disso, vai ser divertido surpreendê-la.

“Eu *sou* o cara com quem Ben divide este lugar”, respondo, mantendo o sorriso simpático no rosto. Estou com um pijama bem velho e nem tentei tirar o rímel da noite anterior, que está espalhado por toda a minha cara. Com certeza não pareço uma ameaça.

Mas posso estar enganada.

Liz detém o passo, bebendo meu café gelado caríssimo. Sua expressão passa de curiosa a cautelosa.

Nem ligo. Meu nome é unissex e Ben evita mencionar que mora com uma garota quando quer trazer alguém para casa. Ele passou a fazer isso depois de perder algumas garotas apegadas demais à ideia de que homens e mulheres não podem ser apenas amigos.

Tolinhas.

Ben aparece na cozinha, com uma calça de moletom parecida com a de Liz, só que verde-escuro e com a estampa do mascote do time da universidade na bunda, em vez de uma expressão idiota. A gente se formou alguns anos atrás, então é um pouco patético, mas não posso dizer nada, porque todas as minhas roupas de ginástica consistem em camisetas velhas daqueles tempos.

Ele boceja e sorri. “Bom dia. Liz, Parker. Parker, Liz.”

Ben não percebe que Liz olha feio para ele, ou nem liga, porque já conseguiu o que queria com ela.

Esse é outro motivo por que não consigo nem pensar em Ben desse jeito: ele é bem galinha. Como amiga, não me incomodo, mas como mulher? Jamais. De jeito nenhum. Nem com todos os exames de DSTs do mundo.

“Ei, o que aconteceu com a regra de usar camiseta na cozinha?”, pergunto, enfiando outra colherada de cereal encharcado de leite na boca.

“Essa regra não existe”, ele rebate, com uma piscadinha para a cabeça-oca. A expressão dela se suaviza um pouco, e preciso me segurar para não mandar a garota cair na real. Sinto vontade de dizer que as piscadinhas são distribuídas às centenas, mas para quê? Está escrito na calça de Liz que ela é uma cabeça-oca.

“Existe, sim, uma regra sobre usar camiseta na cozinha”, insisto. “É a número catorze. Por falar nisso, onde estão as regras?”

“Não faço ideia”, ele diz, abrindo a geladeira quase vazia e examinando-a rapidamente antes de desistir e se servir de uma xícara de café. “Mas posso ter usado para limpar suco de laranja da mesa outro dia.” Ele estala os dedos. “Não, espera aí, lembrei. Eu joguei fora, simples assim.”

Aponto para a porta. “Vai se vestir. Agora.”

Ele lança um olhar para Liz. “Ela não consegue se controlar quando vê o tanquinho. Quase desmaia.”

Liz dá uma risadinha, mas me lança um olhar interrogativo, como se estivesse tentando se certificar de que eu não ia mesmo desmaiar diante do corpo impressionante de Ben. O cara parece uma máquina. Só cabula a academia quando a ressaca é brava.

“Quer sair para tomar café?”, Liz pergunta a ele.

Ah, pobre cabeça-oca. Nem imagina onde se meteu.

Ben faz cara de lamento. “Adoraria, mas prometi que iria até a IKEA com Parker comprar uma prateleira pra coleção de bonecas dela.”

Pego uma colherada enorme de cereal, o que me impede de falar, então me contento em olhar feio para ele. Ben está quebrando outra regra da casa: *Não usar o nome Parker para dispensar uma garota pela manhã.*

Acho que inclusive acrescentei uma nota de rodapé à regra: *Principalmente mencionando a IKEA.* Odeio essa loja.

“O namorado dela não pode fazer isso?”, Liz pergunta.

Ah, péssima jogada, cabeça-oca. Deixa na cara que está tentando descobrir se sou ou não uma concorrente.

“Ele é um cara delicado”, Ben responde, animado. “Tem mãozinhas minúsculas.”

Mais uma regra quebrada: Não falar mal de Lance para usar Parker para dispensar uma garota pela manhã.

Lance não é delicado. Ele pode não ser fanático por academia como Ben, mas não é um molenga, e suas mãos não têm nada de minúsculas.

Por outro lado, interferir na conversa só manteria Liz na casa por mais tempo, e eu gostaria que a cabeça-oca voltasse logo para o alojamento.

Dou a última colherada no cereal e levanto. “Acho melhor a gente ir”, digo, ainda mastigando. “A IKEA fica uma loucura de sábado, e as prateleiras grandes podem acabar.”

“Quantas bonecas você tem?”, Liz pergunta, com uma expressão dividida entre desprezo e pena.

“Cinquenta e sete”, digo na maior cara de pau. “Na verdade, Ben, se você for demorar, acho que vou dar uma penteada nos cabelos delas. Ontem à noite percebi que o da Polly está meio embaraçado.”

Ben vira todo o café, se afasta do balcão e sacode a cabeça negativamente para mim. “Coitada... Tão maluquinha...”

Então ele vira para Liz, põe as mãos em sua cintura fina e a puxa com um sorriso de desculpas. “Que tal deixar o café da manhã para outro dia?”

Mal consigo segurar o riso. No dicionário de Ben, “deixar para outro dia” é sinônimo de “vou apagar seu telefone assim que for embora”.

Em menos de um minuto, Ben está conduzindo Liz porta afora. Para minha surpresa, ela nem fica irritada. Vou atrás dos dois, só para

provocar, observando enquanto Ben cochicha alguma coisa em seu ouvido. Ela arregala os olhos e abre um sorriso de compaixão para mim, como quem diz que vai ficar tudo bem. Então se dirige para a calçada com um aceno.

“O que foi que você disse pra ela?”, pergunto, dando um gole no café enquanto observo a partida de Liz.

“Que você era uma órfã e que a única coisa que sua mãe deixou foi uma boneca chamada Polly. Daí a obsessão.”

Balanço negativamente a cabeça. “Você sabe que vou reescrever as regras da casa. Com item ‘nada de bonecas’ a mais.”

Liz dá um último aceno. Ben e eu retribuímos, mas não consigo me segurar quando ela vira as costas para ir embora. “Boa ressaca moral!”, grito, com a voz mais doce de que sou capaz.

Ela vira a cabeça de imediato, tentando determinar se me entendeu direito, mas Ben põe a mão na minha cabeça e me empurra para dentro, fechando a porta.

Ben esfrega o abdome num gesto distraído enquanto me olha de cima a baixo.

“É melhor você se trocar. Não dá pra ir à IKEA com esse short velho e essa camiseta horrível.”

“Em primeiro lugar, dá para usar o short mais velho e a camiseta mais horrível do mundo pra ir à IKEA. É praticamente regra para entrar na loja. Em segundo lugar, a gente não vai lá. Você está tão viciado nas suas mentiras que agora acredita nelas?”

“A gente vai, sim”, ele diz, passando as mãos pelos cabelos castanhos e começando a subir a escada.

“Fazer o quê?”, pergunto.

“Preciso de uma cômoda nova.”

“O que aconteceu com a sua?”

“Quebrou.”

Franzo o nariz. “Como você conseguiu quebrar uma cômoda?”

Ele me olha por cima do ombro e levanta as sobrancelhas.

Demoro alguns instantes para entender. “A cabeça-oca?” Aponto com o polegar para a porta. “Em cima da cômoda?”

“Ei, ela é alta. Isso me deu um bom ângulo para...”

Ponho as mãos nos ouvidos e começo a cantar “Piano Man”, de Billy Joel, como costume fazer quando Ben começa a dar detalhes demais de suas proezas sexuais.

Mais uma regra da casa: *Parker não quer saber o que acontece no quarto de Ben.*

“Ei, você tem alguma coisa marcada com Lance hoje?”, ele pergunta.

“Talvez fosse melhor perguntar isso *antes* de programar a ida à IKEA. Mas não. Ele vai passar o dia todo estudando.”

Lance está fazendo MBA na Universidade de Portland.

“Legal. Vamos almoçar juntos.” Ele sobe para o quarto sem me olhar.

Almoçar?

Estreito os olhos e subo a escada correndo, impedindo que ele feche a porta na minha cara.

De fato, a cômoda está inclinada de uma forma nada promissora. Vejo duas, ou melhor, *três* embalagens de camisinha vazias.

Ele pega uma polo no pequeno closet no canto do quarto e procura a calça jeans em meio à bagunça no chão.

Fico à espera.

“Que foi?”, ele pergunta.

“Almoço?” Levanto as sobrancelhas e aguardo a explicação.

Ben coça o queixo com a barba por fazer. Como dividimos o mesmo banheiro, sei que ele se barbeia todos os dias, mas aquele visual permanece.

“Bom, sabe aquela garota com quem saí umas semanas atrás? Kim?”, ele começa. “Ela queria que eu fosse com ela em um almoço de noivado, mas eu disse que já tinha compromisso. Só que ela é louca o suficiente pra passar aqui pra ver se saí *mesmo*, então acho melhor não ficar em casa...”

Levanto uma das mãos. “Tudo bem. Vou ser seu álibi. Mas eu escolho o restaurante e você paga a conta. Ah, e vai ter que abaixar a tampa da privada por uma semana.”

Ele ergue a mão como se estivesse pedindo permissão para falar. “Eu gostaria de propor uma regra da casa: Parker não pode dizer como Ben deve mijar.”

“Não é *você* que faz as regras da casa. E eu não disse nada sobre *como* fazer xixi”, respondo irritada enquanto ele abre uma gaveta com dificul-

dade e pega uma cueca boxer. “Estou fazendo um favor pra sua futura esposa, ensinando você a deixar de ser porco.”

Ele passa por mim e sai para o corredor. “Mais uma regra da casa: Parker não pode dizer coisas absurdas como ‘futura esposa’ para um solteirão convicto.”

“Você não é um solteirão convicto. É só o típico mulherengo de vinte e quatro anos. E, repetindo, não é você que faz as regras da casa... ei!”

Ele fecha a porta do banheiro na minha cara. Percebo tarde demais que deixei passar os sinais clássicos de uma de suas manobras de distração. Ele só queria usar o banheiro antes de mim.

“Vê se não acaba com a água quente!”, grito, batendo com a mão espalmada na porta.

A porta se abre apenas o suficiente para que eu veja um olho azul piscando para mim. “Você não disse que a Polly estava com o cabelo embaraçado? É melhor dar um jeito nisso.”

Ele fecha a porta de novo, e eu bato mais uma vez. “Não esquece que a toalha verde é minha. A sua é a branca.”

Fico à espera de uma confirmação, mas só escuto o silêncio.

“Sei que você está ouvindo! Nada de usar a minha ‘sem querer’, só porque a sua está sempre fedida.”

Mais silêncio.

Droga. Ele vai usar a minha.

Pois é, meu melhor amigo é um homem. Mas isso não significa que isso *sempre* funcione bem.

2

BEN

Na maior parte do tempo, ter Parker como melhor amiga é demais. Entre as vantagens estão:

- 1) Apesar de não entender nada de combinação de cores, tenho certeza de que nunca vou sair na rua parecendo um palhaço.
- 2) O filtro de água é reabastecido com regularidade.
- 3) Ela lava roupa por *diversão*, e só reclama em uns trinta por cento das vezes em que coloco as minhas com as dela.

Ah, e como a aventura desta manhã demonstrou, ela é um *excelente* pretexto para me livrar das garotas mais grudentas.

Mas tem também as partes não tão legais. Tipo quando ela passa trinta e cinco minutos escolhendo *luminárias*.

“Pega logo essa”, digo, apontando para uma qualquer, com pedestal. A atmosfera barulhenta dominada por vozes infantis da IKEA começava a me sufocar.

Ela mal olha para a que sugeri. “Parece um útero.”

“Você acha que sei como é um útero?”

“É como essa luminária. E, sinceramente, pelo tempo que você passa correndo atrás de garotas, já deveria estar mais familiarizado com nossas partes íntimas.”

“O útero não é...” Eu me interrompo, procurando a palavra certa para tentar descrever as fracas lembranças que tenho da aula de educação sexual do oitavo ano.

Parker ergue as sobrancelhas. “Não é onde fica o bebê?”

Como qualquer cara normal no meu lugar, faço uma careta. “Minha nossa. Por que eu precisaria saber disso? Uso camisinha.”

“E não poucas, a julgar pelo estado do seu quarto”, ela diz, inclinando a cabeça para examinar a luminária verde-limão em suas mãos. “Você acha que combina com meu edredom?”

“Você sabe que sou praticamente daltônico. Não faço ideia da cor do seu edredom.”

“Sério mesmo? Vai fingir que nunca viu? Você deitou anteontem na minha cama com roupa de ginástica. Precisei lavar duas vezes pra tirar o cheiro de homem suado dele.”

Balanço negativamente a cabeça. “Coitado do Lance. Deve ter que forrar a cama com um saco plástico antes de transar.”

“Lance não tem cheiro de homem suado.”

Franzo a testa. “Espera aí. Todo homem tem o mesmo cheiro.”

“Não.”

Abro a boca para argumentar, mas acabo dando de ombros. Essa é outra coisa que é preciso aprender quando se tem uma garota como melhor amiga. É preciso escolher o tipo de discussão em que se vai entrar.

“Você tem dois minutos pra escolher a luminária”, anuncio. “Estou morrendo de fome.”

Parker ajeita a alça da bolsa no ombro. “Ah, eu só estava olhando. Não vou levar.”

Respiro fundo, prestes a soltar um “você é inacreditável”, quando percebo seu sorriso.

“Ah, entendi”, digo enquanto nos encaminhamos para os fundos da loja, onde vou pegar minha cômoda nova. “É uma vingancinha. Está brava porque inventei uma coleção de bonecas bizarra pra você.”

“Na verdade, foi mais por ter jogado fora as regras da casa. Vou mandar plastificar da próxima vez.”

“Ou então você pode criar uma versão on-line e jogar na nuvem, como fazem as pessoas normais nascidas depois de 1980.”

Vejo uma lâmpada se acender acima da cabeça dela, e quase me arrependo de ter dado a ideia. Não que faça muita diferença. Nunca levei muito a sério as regras, mas na maior parte do tempo me esforço para não ser

um babaca. Tirando o problema com a toalha pela manhã, já que, como mencionei, Parker *adora* lavar roupa.

“É sério, não pega dessa cor”, ela diz, sacudindo a cabeça quando levanto os braços para pegar a caixa com a cômoda.

“Madeira é madeira”, respondo, dando de ombros enquanto tento encaixar a caixa enorme no carrinho.

“Não, tem madeira de velho e madeira moderna.”

“Não vou ser criticado por alguém que coleciona bonecas.”

Ela me ignora e devolve a caixa à prateleira. “Aquela ali”, Parker aponta.

“Café?”, pergunto, lendo a cor na etiqueta.

Mas Parker já começou a digitar no celular. Dou de ombros e a tiro do caminho para poder pegar a caixa.

“Que tal tacos?”, ela pergunta, desviando os olhos do telefone.

“Jantei comida mexicana ontem”, respondo enquanto posiciono a caixa no carrinho.

“Você disse que eu podia escolher.” Parker me lança um olhar desafiador. Seus olhos castanhos levemente dourados me desafiam a contestá-la.

“Se a decisão é unilateral, por que pergunta?”

“*Unilateral*. Gostei. E era um teste. Você passou”, ela diz, se aproximando para me ajudar enquanto guarda o celular na bolsa. “Então, como foi que você conheceu a cabeça-oca? Ela deve ter uns dezoito anos.”

“Cabeça-oca?”, pergunto.

“Era o que estava escrito na calça dela.”

“Ah. Mas a calça não era dela. A Lindsay deixou lá na semana passada.”

Ela faz uma careta e arruma os cabelos escuros em um coque. Não reparo muito em Parker como garota porque, enfim, é a Parker, mas seu cabelo é bem bonito, estilo modelo da Victoria’s Secret: comprido e escuro, com umas mechas mais claras.

Ela é pura Victoria’s Secret, na verdade, mas apesar do impacto inicial nunca rolou nada entre a gente. Acho que gosto demais dela para isso.

Fora que Parker namora Lance, e eu gosto do cara. Quer dizer, não é meu melhor amigo nem nada, mas é impossível morar com Parker sem ter algum tipo de relacionamento com seu namorado.